

Cartografias infantis: narrativas das infâncias enquanto uma metodologia do encanto

Mariana Cunha Schneider¹

Nícolas Braga Fröhlich²

Luciano Bedin da Costa³

Tiago Alexandre Fernandes Almeida⁴

DOI: <https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v15i29.67188>

Resumo: Este artigo investiga as narrativas infantis como metodologia de pesquisa, enfatizando o encantamento como princípio epistemológico e político. Partindo da ética cartográfica e da integração da poesia como ferramenta metodológica, argumentamos que pesquisar com as infâncias exige uma escuta sensível e uma abordagem que valorize suas formas singulares de narrar o mundo. As crianças, longe de serem somente sujeitos em formação, apresentam-se como potências criativas e ancestrais, capazes de tensionar estruturas adultocêntricas e coloniais. A pesquisa com narrativas infantis possibilita uma reconfiguração das relações de poder e do conhecimento, promovendo um olhar que conecta o visível e o invisível. Inspirados em autores como Renato Nogueira, Luiz Antonio Simas, Luiz Rufino e Ailton Krenak, propomos que o encantamento, presente nas experiências infantis, atua como uma ferramenta contracolonial e uma prática de resistência. A cartografia infantil, entendida como metodologia, permite reescrever a vida por meio da brincadeira e da alegria, questionando hierarquias e promovendo uma política do sensível. Assim, reafirmamos a importância de uma pesquisa que, ao

¹ Doutoranda e Mestra em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Integrante do Grupo Políticas do Texto. E-mail: mari.cunha.s@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7577-1710>.

² Mestrando em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Integrante do Grupo Políticas do Texto. E-mail: nbfrohlich@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-1718-0321>.

³ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Docente na Faculdade de Educação e no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS. Coordenador do Grupo Políticas do Texto. E-mail: bedin.costa@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6350-2644>.

⁴ Doutor em Psicologia Educacional pelo Instituto Universitário de Ciências Psicológicas Sociais e da Vida, Portugal. Docente no Instituto Politécnico de Lisboa, Escola Superior de Educação; CI&DEI - Centro de Estudos em Educação e Inovação. E-mail: tiagoa@eselx.ipl.pt. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3557-0623>.

Recebido em 30/03/2025, aceito para publicação em 08/08/2025.

invés de traduzir e domesticar a infância, caminhe junto a ela, aprendendo com suas múltiplas formas de fabular o mundo.

Palavras-chave: narrativas infantis, encantamento, cartografia infantil, epistemologia, contracolonialidade.

Children's Cartographies: childhood narratives as a methodology of enchantment

Abstract: This article explores children's narratives as a research methodology, emphasizing enchantment as an epistemological and political principle. Drawing from cartographic ethics and incorporating poetry as a methodological tool, we argue that researching with childhood requires attentive listening and an approach that values their unique ways of narrating the world. Children are not merely subjects in development; they embody creative and ancestral forces capable of challenging adult-centric and colonial structures. Researching enchanted narratives enables a reconfiguration of power relations and knowledge production, fostering a perspective that intertwines the visible and the invisible. Inspired by scholars such as Renato Noguera, Luiz Antonio Simas, Luiz Rufino, and Ailton Krenak, we propose that enchantment, inherent in childhood experiences, functions as a counter-colonial tool and a form of resistance. The concept of children's cartography as a methodology allows for rewriting life through play and joy, subverting hierarchies and promoting a politics of the sensitive. Thus, we reaffirm the importance of research that does not seek to translate and domesticate childhood but rather walks alongside it, learning from its multiple ways of fabulating the world.

Keywords: children's narratives, enchantment, children's cartography, epistemology, counter-coloniality.

Cartografías infantiles: narrativas de las infancias como una metodología del encanto

Resumen: Este artículo investiga las narrativas infantiles como metodología de investigación, enfatizando el encantamiento como un principio epistemológico y político. Partiendo de la ética cartográfica y la integración de la poesía como herramienta metodológica, argumentamos que investigar con las infancias exige una escucha sensible y un enfoque que valore sus formas singulares de narrar el mundo. Las niñas y los niños, lejos de ser solo sujetos en formación, se presentan como potencias creativas y ancestrales, capaces de tensionar las estructuras adultocéntricas y coloniales. La investigación con narrativas infantiles posibilita una reconfiguración de las relaciones de poder y del conocimiento, promoviendo una mirada que conecta lo visible con lo invisible. Inspirados en autores como Renato Noguera, Luiz Antonio Simas, Luiz Rufino y Ailton Krenak, proponemos que el encantamiento, presente en las experiencias infantiles, actúa como una herramienta contracolonial y una práctica de resistencia. La cartografía infantil, entendida como metodología, permite reescribir la vida a través del juego y la alegría, cuestionando jerarquías y promoviendo una política de lo sensible. De este modo, reafirmamos la importancia de una investigación que, en lugar de traducir y domesticar la infancia, camine junto a ella, aprendiendo de sus múltiples formas de fabular el mundo.

Palabras clave: narrativas infantiles, encantamiento, cartografía infantil, epistemología, contracolonialidad.

Cartografias infantis: narrativas das infâncias enquanto uma metodologia do encanto

O sorriso do soldado⁵

Naquela tarde, as crianças haviam saído da escola com seus adesivos em mãos. Eram uma espécie de gritos de guerra que ficariam ecoando em plano baixo pelas paredes, postes e muros da cidade. Entre as doze crianças, havia quatro crianças maiores – ora, alguém precisava dirigir os carros! – e elas faziam movimentos de acompanhar os demais, lutando contra a dureza que ser uma criança maior deixa na gente. Semanas antes, aquele passeio fora sido desenhado em mapa de papel e tudo: um reconhecimento do campo, a seleção afetiva necessária e o planejamento itinerante. Acontece que, ao sair para a cidade, os mapas e planos não dão conta de toda sua vida e potência – trânsito, fluxo de pessoas, eventos, exposições, como estarão aqueles corpos no dia, e por aí vai – a cidade vai apontando a necessidade de desvios e a possibilidade de redesenhar o caminho a ser percorrido. As crianças grandes, ao chegarem no primeiro destino, a Casa de Cultura, não encontravam estacionamento e

pararam na quadra anterior, o que fez com que passássemos em frente a um lugar que não constava no planejamento do dia, e muito menos no imaginário de uma das crianças maiores: a que atende, quando não está em seu devir criança grande, como aquela que escreve essa pesquisa: a psicóloga pesquisadora.

Era, acreditem, um museu militar.

Uma dificuldade e uma realidade de ser uma criança maior, é que a passagem do tempo às vezes nos faz aprender e vivenciar coisas no mundo, principalmente nesse mundo de adultos, que machucam a gente. Saber o que a instituição militar significava em um país que matou mais de quatrocentos e torturou mais de vinte mil vidas, entre elas, de algumas crianças, que segue (por militarizada ser a polícia) matando jovens pretos e pobres, além de ter vivenciado nos últimos quatro anos um avanço e um retorno das forças militares que enquadram, ditam, normatizam e violentam, no governo federal, era de uma dor inominável para essa criança

⁵ Claquete escrita por um/a dos/as autores/as durante o desenvolvimento da dissertação de

mestrado da qual esse texto resulta. (Schneider, 2024).

maior. Entrar em um museu militar era a sua última ideia no mundo. Ver os olhos dos soldados, suas fardas, sua postura nada infantil, sua inocência sendo arrancada... não eram os planos para aquela tarde entre crianças que queriam inscrever marcas para uma cidade melhor. Mas as crianças pequenas insistiram! Lá havia tanques de guerra, furgões, carros blindados, capacetes de soldados à disposição. E era tudo interativo... parecia até que era feito mesmo para brincar. Entramos.

Na brincadeira, teatralizamos cenas de guerra. Crianças pequenas dirigiam os carros, as grandes estavam um pouco perdidas. Olhavam as crianças pequenas que sumiam nos labirintos do museu, entre tanques, motos, cavalos, soldados, carros e armas. "Brrrrrum, brrrrrum, brrrrrummmmm (trocas de marcha)", "pah, pah, pah", "olha aqui, meu, pode colocar até o capacete". Os soldados que tomavam conta do museu permaneciam intactos: em suas fardas, honravam a postura que lhes era ensinada, estavam sérios, zelavam pelo patrimônio, nenhum sorriso cabia. A criança maior, aquela que escreveria esse texto depois, começa a amolecer o corpo... entra na brincadeira, torce o

olhar. Retoma uma definição que havia trazido antes em seu texto, a do infante guerrilheiro. Crianças fazendo de um cenário de vestígio de guerra um campo de brincadeira. Tinha algo ali... ainda não sabia bem. Até que uma das crianças pequenas faz um gesto, um pequeno gesto, que passa a mudar tudo no rumo desse pesquisar.

Com um adesivo que fez semanas antes em mãos, do qual falaremos mais posteriormente, escrito "homens têm que parar de bater nas mulheres", inscrição que achou que cabia permanecer ali, naquele canto da cidade, já que o quartel é formado majoritariamente por homens, caminha em direção a um soldado. Com a coragem e a transgressão que somente uma criança poderia carregar, faz uma improvável pergunta: "posso colar esse adesivo em um dos tanques de guerra?". A criança grande que mal se autorizou a dar oi aos soldados que cumpriam seu papel de serem... soldados, jamais pensaria ser possível questionar algo que sabíamos de antemão a resposta a uma instituição de tamanha dureza. Mas uma das crianças pequenas o fez. Foi até o soldado e fez a improvável pergunta, certo de que, com a autorização, faria

daquele lugar que abrigou tamanha brincadeira naquela tarde, um lugar ainda melhor. A inscrição de seu adesivo, de suas palavras que desejavam um mundo com menos violência contra as mulheres, não foi possível. Quem for ao museu não verá seu grito de guerra ali explicitado. A resposta final foi um não. Mas aqui não importa... a inscrição necessária para que essa história se contasse e a mudança sutil, mas radical, na ordem daquela cidade, veio não com a palavra daquele homem que cumpria guarda.

A pergunta da criança foi tão improvável, mudou tanto a conjuntura a que todas nós, crianças grandes, estamos habituadas, que produziu uma marca ainda mais necessária e aparentemente impossível naquele dia:

A inscrição da força da infância, sua arma de guerra, surgiu quando, surpreso com a pergunta do menino, o soldado desfez sua cara de sério. O soldado, naquela tarde, foi obrigado a sorrir.

A pergunta infantil e seu encanto

Aqui, ao iniciarmos essa escrita, cabe uma breve contextualização. A cena que inaugura o texto ocorreu na área central do município de Porto

Alegre, capital do Rio Grande do Sul - RS. O grupo de crianças que compõe a cena estuda em uma escola da periferia do município e foi constituído como parte da investigação de mestrado de uma das autoras. A ocupação do centro urbano foi uma das propostas construídas por esta grupalidade, cuja pergunta disparadora consistia em saber o que aquelas crianças gostariam de inscrever na cidade.

A ideia de entrarem no museu militar não foi previamente programada. Na verdade, o museu se encontra na mesma rua do nosso primeiro destino, mas não havíamos cogitado que aquele espaço pudesse interessar aquelas crianças. Foi no deslocamento a pé que elas fizeram seu primeiro pouso. Pouso este que fez daquele espaço endurecido nossa primeira parada. Estranhados com a escolha do grupo, fomos acompanhando seus passos, também temerosos com as durezas dos homens fardados e suas máquinas de guerra que, apesar de obsoletas e úteis somente para um museu, ali permaneciam a fazer marcas na cidade.

Aquelas crianças foram se apropriando daquela maquinaria. Volta e meia, chamavam-nos para olhar,

brincar e também transgredir junto. E foi nessa apropriação territorial que uma delas decidiu ir ao encontro de um soldado. Um jovem não tão mais velho que ela. Talvez 10 anos a mais? Bom, não sabemos. A criança perguntou se poderia colar seus adesivos naquele espaço, na tentativa de dar visibilidade a um local que precisa se haver com as vozes que insistem em calar. A negativa do soldado já era esperada por nós, bastante óbvia para os adultos, em verdade. Não sabemos o que levou aquela criança a indagar o soldado. Por romper com a obviedade da resposta porvir, por acreditar ainda que seria, sim, possível, por dirigir-lhe a palavra, não sabemos: sua pergunta-encanto o fez sorrir.

Aquele sorriso-surpresa nos leva a tomar a pergunta infantil como disparadora de movimentos instituintes. Mais que uma resposta negativa ou positiva, trata-se de uma pergunta reverberadora, que não se encerra naquele instante. Nós, sujeitos adultecidos, encontramos-nos desabilitados a formular um questionamento como esse, seja por vergonha ou mesmo medo. Mas também porque não é uma pergunta que nos ocorre. Sua resposta quase

certa nos interdita, de modo que nossa condição impossibilita intervenções como a que presenciamos.

Nas palavras de Nogueira (2019a, p. 137), “adultecer é abrir mão da mais-valia da vida. Adultecer é a forma por excelência de corrupção da vida, algo contra o qual não temos um remédio salvador”. Adultecer, tal qual posto aqui, é adoecer. E assim como na doença, nos vemos limitados fisicamente a fazer determinadas coisas. Deste modo, são as crianças, por excelência, capazes de produzir alegria através do seu brincar. (Id., 2019b).

Seria então o adultecimento um destino trágico para o sujeito que envelhece? A depender, sim. Mas, então, o que é preciso para subverter este destino trágico? Para Benjamin, “é o jogo, e nada mais, que dá à luz todo hábito”. (2009, p. 102). Em outras palavras, é brincando que introjetamos uma cultura e assim vamos aprendendo seus acordos tácitos e expressos. Enquanto crescemos, mais a cultura se introjeta em nós, diferentemente da infância, onde “o hábito ainda não fez sua obra”. (Id., 2012, p. 44). Por isso, o olhar infantil nos é tão caro. Trata-se de um olhar

cartográfico por excelência. Capaz de provocar gestos instituintes.

Mas o que é preciso fazer para deter o adulecimento e sua condição adoecedora? Se o hábito é um destino comum a todos, inclusive que se inaugura precocemente através do brincar, o que nos resta fazer? Primeiramente, é importante salientar que “o brincar é uma atividade entre mundos; não se dá entre pessoas e objetos isolados.”. (Sekkel, 2016, p. 91). Ademais, ainda que o brincar carregue consigo uma série de elementos culturais que se reproduzem através do seu ato, não se trata de uma atividade meramente reprodutiva. Benjamin (2009) salientava que a brincadeira é a forma como as crianças estabelecem um diálogo com seu povo. Ou seja, trata-se de um diálogo de trocas permanentes, em que tanto o hábito como as infâncias fazem sua obra. Para Nogueira “a infância opera pelos desígnios da transformação, da produção de realidades porque reconfigura através de sua potência criadora”. (2019a, p. 135). Ao brincar a criança também cria, transforma, inventa.

Benjamin ainda nos lembra que “o hábito entra na vida como

brincadeira, e nele, mesmo em suas formas mais enrijecidas, sobrevive até o final um restinho de brincadeira”. (Benjamin, 2009, p. 102). E é nesse “restinho” que o hábito guarda em si a sua origem. A brincadeira. E assim o autor continua, ao dizer que “mesmo o pedante mais insípido brinca, sem o saber, de maneira pueril, não infantil, brinca ao máximo quando é pedante ao máximo”. (Ibid.). Se assim for, o adulto guarda em si sua origem infantil. Ainda que um “restinho”. Por isso, a insistência de Nogueira em pensar uma política brincante endereçada também aos adultos. Pois é brincando que somos capazes deter o adulecimento em sua condição mais totalitária. (Nogueira, 2019a). Reavivar o “restinho” da infância que guardamos conosco talvez seja aquilo que nos resta de saída. Neste sentido, a presença infantil nos convoca a fazer “com”. A fazer pouso mesmo no lugar mais insípido para nós, adultos (e por que é insípido?), transformando-o em parque de diversões, como se operasse um milagre. “Um milagre brincante”, como sugere Nogueira. (Id., 2019b).

Somente o restabelecimento da infância, conforme sugere Nogueira, será capaz de deter o adulecimento.

(Id., 2019a). Por isso, a urgência de uma política brincante endereçada também aos adultos. Ainda assim, teremos muito o que aprender com as crianças a fim de resgatar nossas infâncias adormecidas, pois no final das contas, são elas que detêm no olhar e no gesto modos de fazer inclusive um soldado sorrir.

Caminhando e contando: cartografias infantis e a poesia das narrativas que desenham o mundo

Como mencionamos anteriormente, reconhecemos as crianças como aquelas que, por excelência, corporificam a ética cartográfica. Isso porque seu gesto serelepe de habitar os territórios não teme a sujeira. A cartografia exige tal gesto: o de se sujar (Costa, 2014), sem temer a contaminação do corpo, pois ao mergulhar no plano da existência já não nos fazemos mais neutros, tão pouco os mesmos de outrora; não obstante, não se faz simples este mergulho. É preciso coragem.

A parada no Museu Militar só se fez possível em razão da insistência daquelas crianças. Não fosse isso, talvez passássemos sem olhar para dentro daquele pavilhão, temerosos em

reavivar as lembranças de um tempo que não foi o nosso (mas que passa a ser), mas que ainda assim nos dói. A ditadura civil militar que assolou os territórios latino americanos é uma marca que permanece inscrita nas paredes e nos corpos que habitam a cidade. Ainda assim, aquelas crianças nos asseguram de que aquele espaço poderia ser divertido. Era preciso ser criança, para tanto. Deixar que o “restinho” de brincadeira que nos habita enquanto adultos ganhe passagem, para tornar aquele pavilhão repleto de equipamentos de guerra em um parque de diversões.

E foi assim que foi possível cartografar aquelas cenas. Foi preciso reavivar nossas lentes infantis, viabilizando, assim, uma coragem adormecida. Uma coragem que vai se perdendo com o passar dos anos. As crianças que nos acompanhavam, agora na condição de guias, nos ensinavam com maestria a habitar aqueles “brinquedos”. Pediam fotos. Tiravam fotos. Corriam de um lado para o outro como quem tem pressa para viver tudo. Farejam aquele “parque de diversões” para que não deixassem nem um daqueles “brinquedos” sem a

sua marca. Uma marca que não precisou de adesivos.

Sendo assim, não nos parece inadequado aventar que, em se tratando de cartografia, a dimensão ética é o que parece chegar primeiro. Tomando como problematização a dimensão brincante da cena que, por suposição, poderia se restringir a uma “sujeira” militar, a ética posta em questão diz respeito ao acolhimento das circunstâncias que se fazem ao acaso dos encontros. Contudo, há de se considerar a necessidade de explicitar o que estamos, aqui, compreendendo por ética.

Em síntese, podemos dizer que ética: 1) não é algo dado a priori, e não deve ser confundido com valores, normas, códigos ou moral; 2) envolve-se com práticas de liberdade, das possibilidades de relação com e no mundo; 3) não é um lugar de chegada a ser ocupado (*ethos* enquanto morada do ser), mas uma disposição ao abandono (*ethos* enquanto movimento de partida). (Costa, 2020, p. 15).

Na leitura das três observações supracitadas, e considerando seu direcionamento à prática de pesquisa cartográfica, encontramos respaldo para fazer uma leitura ético-metodológica do que se passou no

domínio dos corpos. Ora, nossa indigestibilidade diante do que se mostrava um caminho possível e desejável às crianças - o ingresso ao museu militar -, não poderia ser um empecilho para que todos (inclusive nós, pesquisadores) pudessem acolher a experiência. Sob o prisma da moral (observação ética 1), muito provavelmente diríamos não ao convite que nos foi apresentado pelas crianças, uma negativa não necessariamente posta de modo explícito, “não iremos entrar no museu”, mas que poderia se fazer enquanto tal. Poderíamos simplesmente “fazer vista grossa”, expressão idiomática que nos soa bastante interessante na situação em questão, dado que, em uma cartografia com crianças, há de se sutilar a grossura/grosseria de nossas condutas adultocêntricas de controle. É aqui que chegamos à observação 2, quando, diante de uma vida social que exige dos corpos um contínuo controle, somos conduzidos a pensar a ética enquanto uma prática de liberdade em um mundo que se impõe em relação a nós e que também criamos. O último ponto (observação 3) nos leva a pensar a ética enquanto uma condição de saída: no lugar de morada do ser (que nos

conduz a uma ideia de repouso), o ethos cartográfico diz respeito ao movimento propriamente dito, compreendendo a liberdade não como um valor outorgado a outrem por alguém, mas algo que se produz em ato, na relação com o outro e com o mundo.

Recorrendo a certa licença poética, diríamos que não é aconselhável sair para uma cartografia com a mochila pesada demais, carregada de preceitos e prescrições acerca do que fazer ou não fazer. Façamos, aqui, uma pequena pausa para pensar a dimensão da narrativa poética que por vezes se subleva em uma escrita de cunho cartográfico como a que apresentamos neste artigo. Pensamos com Pacheco e Fernandes (2022, p. 209-210), quando situam a escrita poética enquanto um lugar de criação de problematizações, não significando a criação de lugares de descanso e repouso para a “seriedade de um trabalho acadêmico”, mas a tentativa de produção de um outro terreno que possibilite a criação de questões, nesse caso, apresentadas por meio de forças expressivas que fazem, por meio do esforço estético e poético, produzir pensamento. No caso

da vinheta cartográfica do “sorriso do soldado”, há quem diga que se poetizou demais o que, no plano das crueldades e crueldades institucionais (de uma militarização do imaginário infantil, por exemplo), pouco, ou nada, haveria de poético. Diante de tais críticas, que nos parecem justificadas levando-se em conta a dureza do tempo presente, respondemos que a poesia não é algo inerente ao fato ou a algo vivido (embora por vezes possa estar), mas uma estratégia de posicionamento e, se for o caso, de narrativa acerca do acontecido. Talvez pudéssemos incluir uma quarta observação em relação à ética cartográfica, sugerindo-lhe polinizações poéticas.

Não fazer vista grossa

Como, então, delinear um plano cartográfico capaz de acolher a sutileza do olhar em um mundo marcadamente apressado? Como operar uma cartografia que resista ao desejo de sobrecodificação, este que nos leva a fazer vista grossa em relação a questões que cotidianamente explodem diante dos nossos olhos?

Chegamos, nesse ponto, a uma problematização importante ao campo das pesquisas cartográficas, que diz

respeito ao registro, uma vez que estamos, enquanto pesquisadores(as) cartógrafos(as), implicados nos próprios movimentos por nós analisados. "As narrativas produzidas por meio de nossas investigações têm o rastro de nossas próprias pegadas, somadas às pegadas daquela(s) que conosco também caminham ou caminharam" (Costa; Soares; Almeida, 2020, p.75). O certo é que as pegadas, em se tratando de infâncias, são mais leves, ainda que os deslocamentos sejam, na maioria das vezes, maiores. Como pensar, então, em estratégias narrativas que sejam dignas à leveza das pegadas das crianças? Como pensar modos de narrar que sejam boas companhias ao que insistentemente e desejosamente foge?

Com essa ênfase, é preciso dar atenção à percepção do movimento que organiza e dispõe os elementos convocados a povoar um espaço, plano ou território, estética que para além do ato de visualizar as mutações de deslocamento, envolve um redimensionamento da noção de tempo e pressupõe o atualizar. (Cunha, 2020, p.33).

A citação acima nos leva a pensar a narrativa cartográfica a partir

de dois prismas. O primeiro, lançado ao que se passou, diz respeito a uma certa circunspeção da experiência propriamente dita, um processo atencional projetado aos contornos do ocorrido, movimento de organização e disposição dos elementos constituintes da cena narrada (O que? Quando? Onde?). O segundo, seguramente pouco mnemônico, diz respeito ao que ainda se movimenta a partir do ocorrido, virtualidades que habitam o corpo daquele que se põe a escrever, abrindo-lhe frestas para que o até então não pensado, não visto, não sentido, não problematizado, possa se fazer presente. Se, no primeiro prisma, a memória assume o protagonismo, no segundo, são as sensações que reivindicam tal papel: lembrar e especular nos parecem movimentos necessários em se tratando de pesquisas cartográficas.

Narrativas infantis como uma metodologia do encanto

Que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós. (Barros, 2015, p.152).

Ao trabalharmos partindo da ética cartográfica, vez ou outra buscamos na caixa de ferramentas aquilo que consideramos essencial para a clínica, a pesquisa e uma práxis em psicologia social: a poesia. Sim, ao lado dos teóricos e teóricas que nos ajudam a tecer ou romper sentidos do mundo, encontram-se os poetas e as poetisas, que parecem fazer com que toda e qualquer teoria passe, antes, pelo terreno sensível que a projeta em devir. Pois, ao contrário de ocupar o rígido espaço da prestação de contas a uma determinada lógica de verdade (Rancière, 2009), a poesia nos convida a ficcionar (e também friccionar) a vida.

Por isso, ao pesquisarmos com as infâncias, seria um erro abdicar da poesia também como uma aposta metodológica, pois isso significaria jogar o jogo dos adultos que se ocupam apenas em traduzir e reproduzir o mundo, um mundo onde a invenção já não tem mais espaço para emergir. Isto é, torna-se fundamental considerar a poesia como um recurso metodológico que amplia as possibilidades de leitura e interpretação do mundo infantil.

Na escolha da poesia de epígrafe desta seção encontramos o

encantamento que faz nascer o método que guia nosso pesquisar. A partir da poética presente nas palavras, nas narrativas e nas imagens do mundo que nos convidam a olhar as crianças, vamos entendendo que o que temos chamado de *cartografias infantis* se torna, então, uma espécie de lente, uma bússola ética que nos orienta nessa escrita.

Pesquisar a partir das narrativas infantis significa, então, fazer uma pesquisa do encantamento. Isso porque as infâncias, ao apresentar ao mundo suas variadas formas de narrá-lo, não se põem submetidas a palavra a elas anteposta, tampouco se amedrontam com aquelas que lhes são interditadas. A pesquisa com as narrativas infantis ultrapassa a simples descrição da experiência e se inscreve em uma epistemologia que valoriza a criação e a potência expressiva da infância. Pesquisando, não se aprisiona à métrica ou à quantificação, tampouco se referencia a partir da lógica de reprodução do que vive ou vê. E, como antecipa o poeta, pelo encantamento acaba por escapar dos critérios de uma métrica feita por balanças ou barômetros, trazendo para a cena o efeito que as experiências e histórias

nos provocam. Pesquisar com tais narrativas encantadas pressupõe um envolvimento com toda sua potência criadora e transformadora - pequenas no corpo, vastas na sensibilidade. Vamos, assim, expandindo também as nossas narrativas adultas, caminhando de mãos dadas junto ao fascínio de um mundo que não se limita à ordem da razão, mas antes cresce pelo afeto e pela beleza das descobertas.

Costurar a dimensão das narrativas infantis emergentes dos processos cartográficos à noção de encantamento se torna também um dispositivo para refletirmos sobre a necessidade de integrarmos os princípios de conexão entre o visível e o invisível, como bem nos propõem Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino (2020). Essa abordagem permite uma leitura da infância não somente como um período de desenvolvimento, mas como um estado de existência pleno, carregado de saberes, memórias e potências. Isso significa olhar para as crianças não mais como sujeitos em formação, rompendo com a ideia de infância enquanto uma etapa restrita do desenvolvimento humano. Elas são antes pontes que conectam temporalidades distintas, trazendo em

si seu aspecto inaugural, mas também marcas ancestrais, memórias que transitam entre futuro, passado e presente - também por isso, encantadas. E, assim, passamos a olhar para as infâncias e suas narrativas como um modo de romper com as separações impostas entre os seres humanos e não humanos, e, ao integrar tais saberes, podemos ensaiar um rompimento com algumas amarras coloniais e, reconhecendo-as enquanto seres plenos de uma vida não apenas inscrita em um porvir, mas em tudo que carregam já em si, afirmamos sua potência em colocar em questão relações de poder e integrar alteridade. Desse modo, retomamos narrativas enquanto um conceito dialógico: a pesquisa com as infâncias parte daquilo que dizem as crianças e seus modos de dizer, mas exige também um ato de escuta sensível e atenta. Uma ética do cuidado que nos lembra que o encantamento vem de modo a nos reconectar com a ideia de que os saberes precisam estar radicalmente unidos à vivacidade do mundo.

A isso, soma-se o pensamento do professor Renato Noguera (2017), que traz o encantamento como aquilo que se manifesta de modo a evidenciar

as histórias das infâncias, seus saberes e práticas outrora subalternizadas. O encantamento, como a roda que contrapõe a linearidade, surge como uma ferramenta contracolonial que ajuda a rever os processos educativos, respeitando e integrando distintas experiências e culturas e escapando do lugar engessado da racionalidade: o encantado chama à dança o sensível, a memória e a espiritualidade. Falamos, então, de uma transformação política. Por isso, apostamos na pesquisa com as infâncias. Aprendemos uma prática sensível, suas palavras e gestos revelam uma multiplicidade de caminhos possíveis. Por isso apostamos que narrativas infantis, são, enfim, narrativas encantadas do mundo.

É preciso, contudo, um alerta: para operar metodologicamente com o encanto, é preciso também um ato de escuta para o *infans* que nos habita. Aquele que, por vezes, mantemos adormecido. Ao pesquisar junto a outras crianças, esta tarefa é reavivada, afinal elas operam com maestria o encanto. Afinal, como seria possível transformar um pavilhão com tanques de guerra, soldados eretos e supostamente sem vida em um parque

de diversões? Como fazer de um cenário onde a vida perde sua potência, como na guerra, e ainda assim tornar as ruínas palco de um esconde-esconde? de um pega-pega? É preciso prudência para não cairmos em qualquer tipo de romantização dos cenários de violência que acompanham as infâncias. Não obstante, há de se ressaltar as estratégias que elas utilizam para afrontar a morte que segue à espreita. Há em seus movimentos, em seus modos de narrar a vida, algo que Noguera vai chamar de “mais-valia de vida”. Para ele, o conceito de infância “emerge como um milagre brincante que restabelece a mais-valia da vida”. (Noguera, 2019b, p. 5). Em outras palavras, quer dizer a capacidade inventiva do brincar como produtor da alegria. (Ibid.). E a alegria, bem como a infância, são inimigas contumazes da morte.

Considerações finais

(...) nada nos intriga mais ao pensar a interface infâncias e cidades que a pergunta do “quefazer” para transpor nosso lugar marcado pela adultidade e aquecer o corpo no processo de infanciarizar a vida. (Schneider; Costa; 2024, p.9).

Krenak (2021) faz um exercício de pensarmos em como as crianças vivenciam a infância a partir de um certo encurtamento da mesma. Isso porque, ao serem lançadas cada vez mais cedo em um mundo “como uma chapa quente” (Krenak, 2021, p.98), demandamos que respondam às perguntas deste mundo em declínio, o que pode incorrer em uma supressão da infância como uma experimentação da ordem do fantástico, do encantado. Esse deslocamento da infância para um estado de produtivismo e racionalidade precoce impacta não apenas as crianças, mas também a própria sociedade, que perde sua capacidade de sonhar e imaginar outros mundos possíveis.

Se há uma pergunta que nos atravessa é: o que podemos aprender com as crianças? Ao investigarmos suas narrativas, percebemos que elas nos apresentam mapas inesperados, modos de ser e estar no mundo que desafiam as lógicas adultocêntrica e colonial. As cartografias infantis não somente revelam uma outra maneira de ver o mundo, mas também apontam caminhos para transformações profundas em nossas formas de pensar

a educação e a própria vida em sociedade.

Lançamos as infâncias, assim, na violenta ordem do mundo em disputa. Convocar a infância a partir do lugar das boas novas seria, sobretudo, abrir a vida para a possibilidade criativa e inventiva presente nas crianças e possibilitar aprendermos com elas outros mundos possíveis. O que o autor nos apresenta é que, ao invés de nós, adultos, apresentarmos mapas possíveis para as crianças, são elas, ao invés, que podem nos presentear com uma cartografia do mundo que nos oriente na adultez. Uma cartografia capaz de “incluir abelhas, tatus, baleias, golfinhos” (Ibid., p.101).

Por isso, convocamos a provocação do neologismo do “quefazer” enquanto uma orientação que atravessa o seu sentido linguístico, e pode se afirmar enquanto algo ético-poético-político, levando-nos a pensar em uma metodologia que possa hospedar a tríade acima. No caso, a cartografia infantil. Cartografar com as infâncias e suas narrativas é acionar o exercício de reescrever a vida a partir da prática política da brincadeira, é ativar o direito à experimentação, à reinvenção dos sentidos e à

ressignificação dos espaços sociais. Uma política que carrega em si a felicidade, e que oportuniza desestabilizar estruturas violentas de poder - uma possibilidade brincante de reorganizar a ordem social, de forma mais livre e inclusiva e, por isso, encantada. Mais do que um método, trata-se de um gesto político que reivindica a infância como protagonista na produção de conhecimento e na elaboração de outras possibilidades de existir.

Referências

BARROS, Manoel de. *Meu quintal é maior do que o mundo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2009.

COSTA, Luciano Bedin da. A cartografia parece ser mais uma ética (e uma política) do que uma metodologia de pesquisa. *Paralelo 31*, v. 2, n. 15, p. 10-36, 10 dez. 2020. Disponível em <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/paralelo/article/view/20997/12946>. Acesso em: 24 fev. 2025.

COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia, uma outra forma de pesquisar. *Revista Digital do LAV*, vol. 7, n.2, p. 66-77. 2014. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/15111/pdf_1. Acesso em: 03 jun. 2021.

COSTA, Luciano Bedin da. SOARES, Leila da Franca. ALMEIDA, Tiago. “Vamos perguntar aos miúdos algo que nós não conhecemos, nem eles, vamos descobrir juntos”: notas sobre cartografia infantil e pandemias. In: CUNHA, Claudia (org.). *Cartografia: insurgências metodológicas e outras estéticas da pesquisa*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. Disponível em https://www.pimentacultural.com/wp-content/uploads/2024/04/eBook_Cartografia.pdf. Acesso em: 24 fev. 2025.

CUNHA, Claudia M. Cartografia e pesquisa rizoma: especulações e experimentações em arte educação. In: CUNHA, Claudia (org.). *Cartografia: insurgências metodológicas e outras estéticas da pesquisa*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. Disponível em https://www.pimentacultural.com/wp-content/uploads/2024/04/eBook_Cartografia.pdf. Acesso em: 24 fev. 2025.

KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

NOGUERA, Renato. Entre a linha e a roda: infância e educação das relações étnico-raciais. *Revista Magistro*, v. 1, n. 15, 2017. Disponível em <https://publicacoes.unigranrio.edu.br/magistro/article/view/4532>. Acesso em: 24 fev. 2025.

NOGUERA, Renato. O poder da infância: espiritualidade e política em afroperspectiva. *Momento - Diálogos em Educação*, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 127-142, 2019a. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/8806>. Acesso em: 21 fev. 2025.

NOGUERA, Renato; ALVES, Luciana Pires. Infâncias diante do racismo: teses para um bom combate. *Rev Educação e Realidade*, Porto Alegre, v.44., n.2, p.01-22, 2019b. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/s6MZxwSx8PGL9hppMfP6FPF/?lang=pt>. Acesso em: 21 fev. 2025.

PACHECO, Eduardo G. FERNANDES, Fabíola R. O drama da professora desmanchada: ensaio sobre um ensaio. In: CUNHA, Claudia (org.). *Cartografia: insurgências*

metodológicas e outras estéticas da pesquisa. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. Disponível em https://www.pimentacultural.com/wp-content/uploads/2024/04/eBook_Cartografia.pdf. Acesso em: 24 fev. 2025.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*. São Paulo: Ed. 34. 2009.

SCHNEIDER, M. C.; BEDIN DA COSTA, L. Pode o infante falar? Narrativas e cartografias infantis como resistência à subalternização da infância na urbe. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica*, [S. l.], v. 9, n. 24, p. 01-14, 2024. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/19015>. Acesso em: 18 mar. 2025.

SCHNEIDER, Mariana Cunha. *Mapas brincantes iniciam por aqui: infâncias e cidades em costura*. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/276551>. Acesso em: 21 fev. 2025.

SEKKEL, Marie Claire. O brincar e a invenção do mundo em Walter Benjamin e Donald Winnicott.

Psicologia USP, v. 27, p. 86-95, 2016.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pusp/a/TgRvPjbwXzMVm3yyQZCP9Tn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 fev. 2025.